

# Entradas e bandeiras: o curso de Psicologia em São Gabriel

*Maria Cristina Martins de Andrade\**

## Resumo

Este artigo trata da implantação do curso de Psicologia da PUC Minas na Unidade do São Gabriel. Com esse objetivo, ele busca contextualizar as escolhas tanto da Universidade quanto do Instituto de Psicologia, concernentes à região escolhida para implantação do curso e ao projeto pedagógico a ser implantado. Para tanto, ele traça, sucintamente, a história que antecede o surgimento do curso e o próprio processo de implantação, com os desdobramentos, exigências e mudanças daí provenientes. Em seu desenrolar, o artigo busca também apresentar o corpo docente e discente, cujas características definiram e definem, em muito, o perfil pretendido, e alcançado, de egressos, constituindo assim uma identidade para o curso de Psicologia do São Gabriel. As alterações por que passa o curso no momento atual são apresentadas como parte de um processo contínuo de renovação. O artigo é finalizado com comentários e justificativa sobre o estilo escolhido para sua própria redação.

**Palavras-chave:** Curso de Psicologia; História; Implantação; São Gabriel; Projeto Pedagógico; Perfil.

**A** história de 50 anos do Instituto de Psicologia da PUC Minas comporta outras tantas e, entre elas, a do “São Gabriel”, que buscaremos resgatar aqui.

Ao findar 1999, enquanto um grupo composto por quatro professores<sup>1</sup> (entre eles a autora) iniciava os trabalhos de formulação de um novo projeto pedagógico, uma construção partilhada com e por todos, o Instituto foi encarregado<sup>2</sup> de implantar e coordenar um novo curso de Psicologia. Era a Unidade do São Gabriel que acabava de ser criada. Dado que estava posta a situação e a demanda não deixava escolha, coube ao Instituto trabalhar nessa implantação, o que fez tentando responder a duas questões insistentes, ainda que incipientes: com que projeto trabalhar então e para quem? Estava assim

\* Mestre em Psicologia Clínica, professora do Instituto de Psicologia da PUC Minas São Gabriel, coordenadora de Extensão da Unidade do São Gabriel, e-mail: mcma@pucminas.br

<sup>1</sup> Ana Maria Sarmiento Seiler Poelman, Maria Ignez Costa Moreira, Wanderley Chieppe Felipe e Maria Cristina Martins de Andrade (esta autora).

<sup>2</sup> Resolução CEPE 10/99 de 21 de maio de 1999.

dado o pontapé inicial, estava lançada a pedra fundamental do que é hoje a Psicologia do São Gabriel.

Consideradas as condições do projeto em que se trabalhava, ou seja, todo o trajeto ainda por percorrer, chegou-se a ponderar com a postergação de tal implantação; juntava-se a esse argumento, e em prol da postergação, um certo temor de autofagia, posto que seríamos o terceiro curso de Psicologia da PUC e o sexto em uma mesma região metropolitana. Nada disso, porém, demoveu a Universidade de sua decisão, e a Resolução do CEPE (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão) dava-nos alguns meses: o curso teria início no primeiro semestre de 2000. Sem grandes discussões, respondeu-se à primeira questão; ficou assim decidido que ele seria implantado com o mesmo Projeto Pedagógico de Betim e, uma vez pronto o novo projeto, trabalharíamos, então, em sua implantação nas três unidades: Coração Eucarístico, Betim e São Gabriel.

A construção desse novo projeto vinha sendo conduzida pela comissão já mencionada, nomeada Comissão de Reestruturação e oficialmente designada pelo Magnífico Reitor, na Portaria R/ n° 45/2000, de 8 de novembro de 2000. Tratava-se de uma reestruturação que atendia, de um lado, a uma demanda do próprio curso, já que o projeto vigente datava de 1987, com pequenas alterações incorporadas em 1990; de outro lado, atendia às novas Diretrizes Curriculares do MEC para o curso de Psicologia. Essas diretrizes mudavam, de forma cabal, a concepção de formação e também sua estruturação, uma vez que propunham uma formação sustentada pelo desenvolvimento de habilidades e competências, muito mais que pela transmissão de conteúdos e uma estruturação baseada na constituição de ênfases, ao final do curso. Isso significou um debruçar cuidadoso sobre a tarefa, o que fez com que os trabalhos da Comissão se desenrolassem, oficialmente, durante oito meses. Tomando como ponto de partida questões como *por que mudar, mudar em função de quê e como mudar*, essa tarefa consistiu de pesquisas diversas, reuniões e discussões com a comunidade acadêmica, além de uma assessoria externa.

Incautos e empolgados, a perspectiva de um curso único acenava-nos com a possibilidade de uma identidade para o Instituto de Psicologia da PUC Minas. Sabíamos e não desconsiderávamos o fato de que havia diferenças entre as unidades e tínhamos clareza de que seriam pensadas, discutidas e resolvidas. O que, porém, não conseguimos antecipar (e não há nisso crítica alguma) foi que a implantação, em cada um dos *campi* e unidades, eliminaria algumas dessas diferenças e traria outras, algumas bem significativas no sentido de exigir maiores ajustes e modificações, tornando evidentes as diferenças e diferentes os cursos. Isso, conseqüentemente, redirecionaria nossa busca de

uma identidade para o Instituto, que passou a se nortear muito mais pelos princípios que regem o Projeto Pedagógico que por seus aspectos acadêmicos. Esses princípios, vale mencionar, foram formulados a partir de um diagnóstico do curso e de dados levantados sobre as necessidades sociais existentes, na cidade de Belo Horizonte, em relação aos serviços de Psicologia. Esses dados foram cruciais para nortear a escolha das ênfases, para a construção do perfil e para esboçar as diretrizes a serem estabelecidas. Finalmente, nortearam a concepção de uma organização curricular flexível, capaz de ampliar o horizonte de formação.

A Unidade do São Gabriel surgiu da “verve” expansionista da Universidade que, entre outras, caracterizou o reitorado do professor Pe. Geraldo Magela, gestão finda em 2003. Pioneirismo, visão estratégica, visão de futuro, ousadia, envolvimento, comprometimento, cada um desses e todos eles juntos, além de uma série de outros fatores, permitiram que nos tornássemos o que somos hoje, a segunda maior unidade da Universidade, oito anos depois. Desfeito todo receio autofágico, foi possível partilhar essa aventura e colocar-nos também como bandeirantes nessa nova Entrada. Nós nos abríamos para o Leste e o Nordeste da cidade e, nessa direção, o curso não competiria com Betim, onde a Psicologia fincava suas raízes havia apenas um ano. Quanto ao *campus* do Coração Eucarístico, a despeito do fato de dividirmos a mesma cidade e de nos situarmos, ambos, às margens do Anel que a circunda e nos une, não havia o que temer: era outra nossa proposta, outro o nosso público e outras as nossas condições e disposições. Aliada ao expansionismo, havia assim a aposta em uma estratégica posição geográfica; a universidade implantaria sua nova unidade no que tinha sido o centro de recursos humanos da extinta Telemig, na ocasião Telemar, um conjunto de prédios e salas, algumas inclusive já preparadas como anfiteatros e auditórios, o que significava pequenos ajustes para se começar. Esse centro estava situado, como já dito, à beira do Anel Rodoviário e na Região Nordeste.

Essas duas regiões, Leste e Nordeste, reúnem bairros até bem pouco periféricos<sup>3</sup> e outros ainda muito, cuja condição socioeconômica se faz representar, sobretudo nas duas primeiras, da classe média à extrema pobreza. O fato de essas regiões já não serem tão periféricas se deve à expansão demográfica e geográfica da cidade, que as tem incorporado definitiva e completamente; empresas, *shoppings*, condomínios e urbanização mudaram por completo as características dessas regiões, em especial a Nordeste. Nelas a educação chega por meio do Município, do Estado e da rede particular, mas culminava, então, toda ela, no ensino médio. Deste para a Universidade

<sup>3</sup> A expressão “periférico” quer aqui dar conta das condições tanto geográficas quanto sociais e econômicas.

significava arriscar a UFMG, mais próxima geograficamente, porém mais distante enquanto possibilidade real, ou então adentrar a cidade e acrescentar a essa nova etapa um longo e, por vezes, inviável deslocamento, por motivos financeiros e de tempo. Não bastasse esse fator, por si só suficiente para a implantação de um polo de educação superior na região, havia outro aspecto, este também geográfico. Situada às margens do Anel, que, naquele ponto, recebe a rodovia BR 262, a unidade se colocava na rota de anseios que vinham de cidades vizinhas como Itabira, Sabará, Santa Luzia, Caeté, Lagoa Santa, Santa Bárbara, além de alguns bairros da Região Norte. Tais condições e características tornavam, no mínimo, promissora a aposta na implantação de uma unidade na região.

Em novembro de 1999, decidida a abertura da unidade e os cursos que a inaugurariam, recebi da Prof<sup>a</sup>. Ana Lúcia Marçolla, então diretora do Instituto de Psicologia e coordenadora do Colegiado de Coordenação Didática do Curso de Psicologia do Coração Eucarístico, o convite para coordenar a implantação do curso de Psicologia no São Gabriel, desafio que aceitei. Nada estava pronto ou posto, havia um curso a se implantar, uma cultura a se constituir, e isso abria um horizonte de perspectivas e possibilidades que era, ao mesmo tempo, desafiador e assustador: era preciso ter cautela e ousadia, temer sem ficar no mesmo lugar, criar e manter, falar e ouvir, reivindicar e ceder. Começar tudo, do primeiro período: implantar currículo, contratar professores, adequar infraestrutura, constituir biblioteca, construir laboratórios, discutir nortes e princípios, propostas pedagógicas, conteúdos e muito mais, já que se tratava de pensar e construir uma formação profissional.

Em fevereiro de 2000, abrimos o turno da noite e, em agosto do mesmo ano, o turno da manhã, momento em que nos vimos assomados por um outro e novo desafio: os estágios, que começavam no segundo período do curso. No currículo implantado<sup>4</sup>, os estágios começavam no segundo período, diferentemente do que estabeleciam os currículos do Coração Eucarístico e de outras escolas. Isso era uma absoluta novidade, tanto para nós quanto para os espaços que passamos a buscar no intuito de oferecer e constituir campo de estágio para nossos alunos. E como novidade, trazia receios e resistências; não apenas os nossos, mas também dos campos que, muitas vezes, retornavam dizendo não haver espaço para alunos de segundo período. Mas isso durou pouco; encampada vivamente por nós, a proposta o foi também pelos diversos campos, instituições e setores por onde passava nosso alunado. Vencíamos mais uma etapa e juntávamos fôlego para a próxima, qualquer que fosse.

---

<sup>4</sup> Currículo 8501 do Projeto Pedagógico aprovado pelo Cepe e implantado na cidade de Betim, em fevereiro de 1999.

Enquanto isso, crescíamos e ocupávamos espaço: salas de estágio, laboratórios de prática, laboratórios de pesquisa e a clínica. Crescíamos e desdobrávamos funções: coordenação de estágios, coordenação de clínica, de monografia, de extensão e de pesquisa. Crescíamos, mas era preciso ter cuidado, pois nossa presença na região havia levantado forte expectativa: a Psicologia tinha vindo com a universidade e, juntas, resolveriam os problemas da população. As demandas eram várias e de toda ordem, oriundas dos mais diversos espaços. Em 2002, inauguramos a Clínica de Psicologia, um espaço amplo que possibilitava expansão do atendimento da comunidade externa e interna, em diferentes modalidades.

Enquanto chegavam professores e alunos, um perfil se delineava tanto para o curso quanto para a unidade. Os primeiros eram novos na instituição, na idade e traziam em sua formação a influência da pós-graduação; os segundos vinham, sobretudo, de bairros e cidades vizinhas já apontados, marcados por realidades específicas. Esses alunos eram, em muitos casos, trabalhadores da rede municipal ou estadual, na área de educação e de saúde. Além desses, vinham também buscar formação um contingente expressivo de policiais, líderes religiosos, comunitários e de jovens que atuavam em movimentos sociais de engajamentos diversos. A mescla disso foi um curso com características também específicas, em que se complementavam as experiências acadêmica e de pesquisa com a experiência da prática em uma realidade que, sendo a realidade da maioria deste País, era, para a maioria de nós professores, objeto de investigação, reflexão e análise, mas não de vivência. Esse encontro na diferença muito contribuiu, acredito, para o amadurecimento do curso e de nós mesmos.

A par e passo com a formação profissional, e com o objetivo de ampliá-la, o curso foi aos poucos criando e implantando eventos científico-culturais. O científico estava por princípio “em casa”, mas pretendia fazer avançar a pesquisa bem como a reflexão sobre e sistematização de práticas que não eram poucas. O cultural, por sua vez, associando-se à pesquisa, pretendia oferecer um universo outro, seguindo Janine para quem as Artes, a Literatura e a Filosofia podem formar “alunos capazes de questionar em regra as regras que aprenderam e ser capazes de inovar na pesquisa” (Ribeiro, 2003, p. 115). Ainda para esse autor, a cultura, sempre relegada a um lugar pouco ou nada valorizado, pode “constituir um fator relevante para melhorar a produção científica” (Ribeiro, 2003, p. 115). Compartilhando essas ideias, o curso foi então, aos poucos, constituindo espaços em que o fazer artístico e cultural pudesse ter lugar,

constituindo-se como elemento precípua para a formação do profissional cujo perfil define o Projeto Pedagógico do curso<sup>5</sup>.

Em 2002, já pronto o novo Projeto Pedagógico, fez-se hora de mudança. A implantação de um projeto mais ousado, e em consonância com as Diretrizes Curriculares<sup>6</sup>, teve então início com uma série de discussões e avaliações, já que a ideia era a unificação, ou seja, a criação de um curso único de Psicologia da PUC Minas. Essas discussões, tanto quanto os trabalhos que as seguiam, foram imprescindíveis e preciosas no sentido de sinalizar a impossibilidade do que se pretendia: um único curso para todas as unidades. Tal constatação significou alterações na grade curricular, tanto em termos de conteúdos quanto de carga horária, além de reperiodizações e ressignificação das ênfases. Consideradas as diferenças supracitadas, no tocante aos corpos docentes e discentes das diversas unidades, e a região em que se encontra cada uma delas, o resultado foi um projeto que, guardando seus princípios norteadores de formação profissional e constituição de um perfil de egresso, propiciava e promovia identidades também diversas. Em agosto de 2003, foi implantado então o currículo 8502 que brevemente (2006) se transformou no currículo 8503 posto que, a despeito de todas as discussões antecipadas, mudanças tiveram que ser feitas quando de sua efetiva implantação.

E como as Entradas e Bandeiras estão sempre trazendo outras, num ciclo que se renova a si mesmo, cá estamos, atualmente, debruçados em reflexões sobre a formação e a melhor maneira de pensá-la e concretizá-la. Formada a primeira turma no modelo atual de ênfases é tempo de avaliação que, para Vasconcelos (1995), é um processo abrangente que implica uma reflexão crítica sobre a prática. Isso nos fez constituir a Comissão de Ênfases cuja função é discutir e propor, mais que mudanças, transformações. Ousar novos caminhos. Avaliando e refletindo sobre nossa prática, buscamos, ainda de acordo com esse autor, captar seus avanços, suas resistências e suas dificuldades, possibilitando com isso uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos.

<sup>5</sup> Perfil do psicólogo – o curso de Psicologia da PUC Minas, em suas três unidades (Coração Eucarístico, Betim e São Gabriel) visa a formar um psicólogo capaz de compreender o campo dos fenômenos e processos psicológicos, considerado em sua pluralidade de objetos, métodos, teorias e técnicas; e de atuar profissionalmente na promoção do desenvolvimento e da saúde psíquica de pessoas, grupos, organizações, comunidades e coletividades por meio de ações preventivas e intervenções psicossociais, psicoterapêuticas e educativas. Ainda, um psicólogo que sustente suas intervenções em princípios éticos e científicos; um profissional comprometido com seu tempo e com a construção de uma sociedade igualitária, plural, democrática e justa; defensor intransigente das condições para o pleno exercício da cidadania (Extraído do PP, mar./2003).

<sup>6</sup> Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em Psicologia, tendo por base a nova Lei de Diretrizes e Bases de Educação (LDB/96), cujo formato definitivo e atual foi homologado em 7 de maio de 2004.

Os percalços também fizeram parte e não foram poucos nem pouco significativos. Assumiram diversas formas e se deram em campos diversos, envolvendo ora alunos, ora a instituição, ora professores, ora todos ou parte deles. Mas quaisquer que tenham e têm sido, buscamos enfrentá-los sem nos fazermos, deles, vítimas; pelo contrário, foi nossa disposição de bandeirantes que fez dessa uma Entrada de sucesso, a que o título desse artigo busca fazer jus.

Hoje, nove anos depois e formando turmas desde dezembro de 2004, temos vários egressos seguindo carreira acadêmica e concluindo já seus mestrados, alguns inclusive já concluídos e possibilitando que retornem a casa como professores do curso. Temos outros tantos contratados por instituições nas quais atuaram como estagiários. Outros ainda premiados por trabalhos ou agraciados com bolsas de pesquisa para formação continuada. Uma pesquisa sobre esses alunos está em andamento, motivo pelo qual dados mais precisos não são aqui colocados; no entanto, a menção a esses egressos se deve ao fato de que sua atuação tem sido um reflexo assaz fidedigno do trabalho realizado. Ao longo do curso, muitos são os alunos que se envolvem com Probic (Programa de Bolsa de Iniciação Científica), com atividades extensionistas que transformam em questão de monografia, além de produzirem artigos que apresentam em eventos internos e externos, cuja temática tem origem nos estágios, nas atividades interdisciplinares e complementares. Toda essa atividade, por sua vez, diz do envolvimento do corpo docente cujo trabalho, junto com o dos alunos, constitui a identidade do que é hoje o curso de Psicologia do São Gabriel.

Quero finalizar dizendo que, quando me incumbiram de contar, em um artigo para o número comemorativo da Psicologia em Revista, a história do São Gabriel, ocupei-me por um tempo pensando como fazê-lo. Uma narrativa literária foi meu primeiro impulso tratando-se, que era, de contar uma história para uma edição comemorativa; por outro lado, tratava-se, ao mesmo tempo, de um artigo para revista científica. O que fazer? Se não era possível uma narrativa pura, também não o era um artigo estritamente científico, e isso por uma razão simples: não se trata aqui de uma produção científica, *stricto sensu*, cujas bases devem estar assentadas em conceitos e discussão teórica. Sendo esta uma edição comemorativa de uma história, trata-se antes do relato de uma história que, sem dúvida, ancorada em dados, princípios e pressupostos, deve-se fazer ouvir como anúncio de uma polifonia da qual é apenas uma única voz.

## Referências

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. *Projeto Educacional*, Curso de Psicologia. Março de 2003.

Ribeiro, R. J. (2003). *A universidade e a vida atual*, Fellini não via filmes. Rio de Janeiro: *Campus*.

Vasconcelos, C. S. (1995). *Avaliação, concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar*. São Paulo: Libertad. Cadernos Pedagógicos do Libertad.